



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12619 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

O PROFESSORADO DO GINÁSIO BAIANO: um espaço masculino do saber?

Iure Alcântara dos Santos Barros - UESC - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

O PROFESSORADO DO GINÁSIO BAIANO: um espaço masculino do saber?

1 INTRODUÇÃO

Durante o levantamento das fontes para a escrita da dissertação de mestrado em andamento, cujo objeto é a análise da história do Colégio Central da Bahia, houve esforços de investigação no arquivo escolar da instituição, nas publicações da Revista *Bahia Illustrada*, em livros bibliográficos e de memorialísticos disponíveis no arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). O primeiro capítulo produzido durante a pesquisa, tratou de observar as rupturas e permanências educacionais ao longo de 185 anos de existência, percebendo transformações em suas fases: Liceu Provincial Baiano, Ginásio da Bahia, Colégio Estadual da Bahia e Colégio Central da Bahia. Inicialmente, percebemos as mudanças arroladas na instituição que alteraram significativamente a vida dos sujeitos nela envolvidos.

Para este texto, damos evidência ao professorado deste estabelecimento de ensino que, em suas primeiras fases (Liceu e Ginásio), era predominantemente masculino e de cor branca, demarcando uma discussão necessária sobre a cor e o gênero na formação docente dos colégios secundários, principalmente, durante o século XIX e início republicano.; Já nas fases em que se torna o Colégio Estadual da Bahia e, mais tarde, Colégio Central, conforme a classe social e econômica vai se modificando dentro dos espaços escolares, notamos, durante o processo alguns aspectos a serem mencionados: o aumento do magistério feminino, a desvalorização da classe docente, a precarização do trabalho do professor e da professora.

Diante esse cenário destacado cabe questionarmos e, via pesquisa documental, buscar compreender a composição do corpo de professores da instituição enquanto Liceu (1836) e Ginásio (1895), majoritariamente masculino. Partindo desta problemática, questionamos os fatores que ocasionam o crescimento significativo de mulheres na instituição, fases como Colégio Estadual da Bahia (1942) e Colégio Central (1946). A feminização do magistério tem relação com a precarização docente estabelecida no Central?

O estudo dialoga com a história das instituições escolares, em que nos faz refletir que a escola está conectada com a conjuntura política e social que, por sua vez, atinge e até modifica a escola e jamais deve ser pensada fora desse contexto. Para Brasil e Furtado (2010), “a história nos permite ver que a escola, em diversos aspectos, também tem sofrido transformações, embora pareça manter inalterados alguns de seus elementos” (BRAZIL; FURTADO, 2010, p. 283). Já para Gonçalves Neto e Carvalho (2020), o estudo das instituições escolares nos permite ter o conhecimento dos momentos e motivações para o seu surgimento, desenvolvimento, transformações ou extinções; através das instituições construímos conhecimentos sobre o local e o regional.

A análise proposta se dará através da operação historiográfica dos paradigmas indiciários, do historiador Carlos Ginzburg (2007), pois sua teoria nos leva a pensar o terreno vasto que é a pesquisa em arquivos, na manipulação dos documentos. Segundo o autor italiano, é preciso atentar aos indícios, sinais, pistas, visto que eles podem nos apontar questões que ainda não foram percebidas por outros pesquisadores (GINZBURG, 2007,p.10

2 DESENVOLVIMENTO

Iniciamos este texto por questões caras para nós, o lugar do professor e da professora na História da Educação. Antônio Nóvoa (1991), ao discorrer sobre o processo histórico da profissionalização do professorado, nos diz que o século XVIII é um período chave na história da educação e da profissão docente. Para ele, esse século nos dá evidências de como se efetivou a profissionalização do magistério. Segundo Nóvoa (1991), este foi um processo em que, a princípio, os homens concebiam o mundo ainda com uma mente religiosa; não existia um modelo de educação especializada, e sim, uma prática educativa tutelada pela Igreja, influenciando a formação de um modelo educacional baseado em crenças e atitudes morais/religiosas.

Outra autora permite avançarmos na discussão. Devido a um modelo de sociedade onde às mulheres não era oportunizada uma vida pública e a elas eram destinadas principalmente às funções de cuidado do lar, colocando-as à margem nas relações de poder; a profissão docente foi pensada e direcionada aos homens. Heloisa Villela (2000), ao abordar o tema em questão, afirma que durante cinco décadas no Brasil (século XVIII), a profissão

docente era exclusivamente masculina.

Ao analisar as bibliografias existentes no arquivo do IGHB – *O centenário do Gymnasio da Bahia*, escrito por Pereira Passos, em 1942, pelo Jornal do Comércio; assim como a obra *Uma Sagração*, publicada em 1932 pelo IGHB) – notamos que no Liceu Provincial a maioria dos professores eram homens. Usamos o termo “maioria” conscientes de que, neste período histórico, as mulheres brasileiras ainda não tinham um ingresso vultoso no magistério. Porém, entendendo que é complexo trabalhar com o absoluto na história, preferimos relativizar a afirmativa com esse termo, mesmo não encontrando nenhuma fonte que demonstre a presença de professoras na instituição nos documentos investigados, ainda que vários pesquisadores e pesquisadoras do campo já revelem outras fontes direcionadas à resistência feminina e à resistência, organização e associação docente feminina no final do século XIX e XX, Fabiana Munhoz (2018), Marcelo Silva (2018), Alessandra Schueler (2005).

Os homens que ingressaram no Liceu eram remanescentes das aulas avulsas, concursos públicos e alguns eram indicados até mesmo através das aulas particulares, que continuaram acontecendo na Bahia mesmo depois da criação desse estabelecimento de ensino secundário. (FARIAS; MENEZES, 1937)

Esses homens eram envolvidos com a vida política da sua província, chegando a ser alterada a inauguração do Liceu, que seria em 1836 para 1837, devido ao fato de que alguns de seus mestres participaram da revolta da Sabinada. (PASSOS, 1942)

Enquanto Ginásio, pelo que nos informa a análise das fontes do IGHB e aquelas dispostas na Biblioteca Consuelo Pondé, amplia-se a compreensão de que a instituição estudada era um espaço masculino de saber, uma vez que os seus mestres gozavam de prestígio social e tinham uma relação política com as autoridades. A referência que as fontes nos apresentam é que os professores do Ginásio Baiano eram chamados de mestres e os seus alunos de discípulos, pois contribuíam para a cultura, inteligência e capacidade política do estado. (FARIAS; MENEZES, 1937)

O Ginásio era chamado popularmente de “ninho de águias”. Havia um orgulho dos alunos em estudar com homens tão cultos porque esses professores eram vistos como eruditos do saber na sociedade (FARIAS; MENEZES, 1937).

Na fotografia década de 1940, ainda enquanto Ginásio da Bahia, temos estudantes e chefes de disciplina fotografados. Notamos na imagem que, entre os chefes (dispostos em pé) não há sequer uma presença feminina, não obstante a crescente inserção das mulheres no magistério.

Figura 2- Estudantes e chefes de disciplina. Auditório do Colégio (1940)



Fonte: Biblioteca Virtual Consuelo Pondé

Ao nos aprofundarmos nos livros de histórias e memórias do IGHB, encontramos uma lista de docentes de diversas áreas, datada de 1938. Os docentes localizados nessa lista são: Hélio Ribeiro, Hebert Fortes, Mário Torres, Luiz Moura Bastos, Clemente Guimarães, João Pimenta, Antônio Pacheco, José Martins Rosas (PASSOS, 1942).

Observamos que, na lista, em nenhum momento, pode-se identificar alguma menção a professoras atuantes no Ginásio, o que reforça a ideia de que a instituição estudada era um espaço masculino do saber.

Para Nóvoa (1991), a inserção das mulheres no magistério se deu com muitas lutas e

não foi uma concessão dos homens, ou seja, existia uma relação e apropriação de poder na profissão docente pelo viés masculino. Nóvoa (1991) defende, ademais, que essa inserção profissional do magistério feminino se desenrola com as mulheres adentrando aos poucos esse espaço e, ainda assim, com uma função mais de regeneradora moral da sociedade.

Entre os anos de 1920 e 1930 no Brasil, as mulheres vão entrando no magistério de forma mais abundante, apesar das resistências que havia a essa inserção. Alguns trabalhos associam a entrada da mulher na profissão docente à desvalorização progressiva do exercício de professor no que se referia aos homens, que passavam a ter novas oportunidades de trabalho. Heloisa Villela (2000), no entanto, contraria a vertente que interpretava a entrada da mulher como uma concessão masculina. Ao utilizar Jane de Almeida, a autora afirma a complexidade desse processo (ALMEIDA, 1998 apud VILLELA, 2000).

Em seu estudo, comparando a feminização do magistério no Brasil e em Portugal, diz que a desvalorização se deu com o desenvolvimento do país e pelo fato do magistério atender cada vez mais a pessoas de baixa renda. Nessa direção, foi a ampliação escolar, no caso brasileiro, que fez com que as mulheres assumissem tais posições.

Isso fica perceptível nas fontes selecionadas e analisadas no presente trabalho. A título de exemplo, somente em 1927 encontramos um registro de uma professora no Ginásio da Bahia, Heiddy Cajueiro, egressa da instituição (FARIAS; MENEZES, 1937).

A partir de 1942, depois das reformas educacionais, da luta das mulheres pelo ingresso no magistério, das reivindicações do movimento dos pioneiros da educação nova pela universalização da escola pública, percebemos que no Colégio da Bahia ocorre um aumento das mulheres como docentes, na medida em que os alunos de classe econômica baixa também vão se inserindo na instituição, assim como se deu no processo de escolarização em diferentes regiões do país.

Enquanto no Ginásio da Bahia as fontes nos permitiram identificar apenas uma mulher; em de 1927 a partir dos anos de 1940 identificamos no Colégio da Bahia mais de 40 mulheres, embora sem a descrição prestigiosa atribuída os professores do sexo masculino. Isso nos leva a apontar uma precarização do trabalho docente feminino, considerando que encontramos mulheres trabalhando em regime de contrato e efetivo, porém, a maioria delas se encaixava no primeiro caso. Tal observação corrobora com a ideia de que a história institucional do Colégio Central da Bahia, em suas diferentes fases, revela um espaço masculino do saber. Mesmo com a inserção da mulher no magistério nos anos de 1920/1930, especificamente nesta instituição, a atuação feminina se deu tardiamente e muito mais como resultado do processo de universalização da educação no país e do aumento do fluxo masculino para outras profissões de mais prestígio e reconhecimento social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de que a inserção das mulheres no magistério se deu como um longo processo de resistências se confirma também no caso da Bahia, especialmente, ao nos debruçarmos sobre a história institucional do Liceu Provincial, um espaço masculino do saber, onde os discursos criados legitimavam esse poder. Esse fenômeno se perpetua com a transformação do Liceu em Ginásio Baiano, no ano de 1895, designação que permanece até 1942.

A instituição não foi legitimada pelo ingresso de mulheres no quadro docente, mesmo depois das primeiras transformações no seio da profissão no país. O salto quantitativo na inserção feminina localizada no Colégio da Bahia (1942), só se deu com a ampliação do atendimento educacional à população baiana e, de todo modo, em condições precárias. Esse quadro não invalida a atuação das professoras na instituição, ao contrário. No campo das resistências, mostra que a trajetória das mulheres no magistério nesta instituição de ensino, considerada de grande importância para a Bahia, aconteceu como uma experiência de luta, de enfrentamentos, de rompimentos históricos.

REFERÊNCIAS

BRAZIL, Maria do Carmo; FURTADO, Alessandra Cristina. Instituições escolares em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: primeiros apontamentos sobre a produção historiográfica nos séculos XX e XXI. In: COSTA, Célio Juvenal; MELO, Joaquim José Pereira; FABIANO, Luiz Hermenegildo. **Fontes e métodos em História da Educação**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2010.

FARIAS, Gelasio de Abreu; MENEZES, Francisco da Conceição. **Memória histórica do ensino secundário oficial na Bahia durante o primeiro século: 1837-1937**. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1937.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONÇALVES NETO, Wenceslau; CARVALHO, Carlos Henrique. Instituições escolares e história da educação brasileira: análise dos CBHE e do NEPHE-UFU. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 22, n. 1, pp. 51–71, 2020.

SILVA, Marcelo Gomes da. **“Operários do pensamento”**: trajetórias, sociabilidades e experiências de organização docente de homens e mulheres no Rio de Janeiro (1900-1937). 304f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2018

MUNHOZ, Fabiana. **Invenção do magistério público feminino paulista**: Mestra Benedita

da Trindade do lado de Cristo na trama de experiências docentes (1820-1860) Doutorado em educação, USP, 2018.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 4, pp.109-139, 1991.

VILLELA, Heloisa. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane; VEIGA, Cynthia; FARIA FILHO, Luciano M (orgs). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 95-134.

PASSOS, Alexandre. **O centenário do Gymnasio da Bahia**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio/Rodrigues e C., 1942.

PAULILO, André. A Cultura Material da escola: apontamentos a partir da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 19, n. 1, pp. 1-24, 2019.

SCHUELER, Alessandra. F. **De mestres-escolas * a professores públicos**: histórias de formação de professores na Corte Imperial. 2005.

UMA Sagração. Bahia: Oficinas Graphics d' A Luva, 1932.